



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

**A EDUCAÇÃO COMO CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE ENQUANTO
SINGULARIDADE DO INDIVÍDUO EXISTENCIAL**Cleiton Santos Nunes*
(UESB)Icaro Sousa Farias**
(UESB)Jorge Miranda de Almeida***
(UESB)**RESUMO**

Este ensaio pretende discutir a necessidade de se pensar uma nova concepção de educação que possa contemplar a singularidade de cada indivíduo numa sociedade cada vez mais uniformizada e atomizada que impede diariamente a efetivação da autenticidade de cada ser humano em sua característica fundamental, isto é, a de ser único, singular e irreptível. É nesse contexto que se insere o estudo sobre a educação da subjetividade em Kierkegaard, pois ele entende que a educação precisa problematizar as questões do conhecimento no interior da ética e não simplesmente instrumentalizar o educando reproduzindo a estrutura de dominados e dominantes. Ao estudar a educação da subjetividade investiga-se ao mesmo tempo as categorias que lhe dão sustentação e validade como a ética, a política, a comunidade, o coletivo e o bem comum.

Palavras chaves: Sociedade, Singularidade, Educação, Ética.

INTRODUÇÃO

A educação é a tarefa existencial por excelência. Pensadores da estirpe de Kierkegaard, Nietzsche, Hannah Arendt, Adorno, Ricoeur, Bordieu, Freire, Anísio

* Graduando de Pedagogia, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Membro do Grupo de pesquisa: Sistemas Éticos. E-mail: ns_zeus@hotmail.com

** Graduando de Filosofia, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Membro do Grupo de pesquisa: Sistemas Éticos. E-mail: ikarofarias@hotmail.com

*** Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Coordenador do grupo de pesquisa: Sistemas Éticos. E-mail: mirandajma@gmail.com



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Teixeira, Karl Marx apontam que a educação é o instrumento por excelência tanto para promover a construção da pessoa humana, da dignidade da existência, como por outro lado, ela é a instância por excelência da manutenção da ordem estabelecida através do aparelhamento e da reprodução da ideologia dominante que ocorre principalmente nos conteúdos, nos currículos, nas práticas pedagógicas e no descompasso entre as campanhas publicitárias que apontam uma educação paradisíaca nas esferas federal, estadual e municipal e a realidade concreta e fragmentada de um modelo de educação praticamente falido no Brasil.

Este ensaio quer pensar uma possibilidade da educação da singularidade tendo como referencial teórico o pensador dinamarquês Kierkegaard (1813-1855) que em sua árdua luta contra a ordem estabelecida de sua época e contra a generalização da educação, propõe como tática retirar o indivíduo da massificação e educá-lo na escola da adversidade, isto é, em meio às contradições existenciais e materiais, mas, que este indivíduo formado nesta escola possa assumir a responsabilidade pela sua condição e pela condição do outro, uma vez que tornar-se verdadeiramente humano não é possuir uma vasta gama de informações e conhecimentos, mas tornar-se ético. A tarefa da educação é desenvolver o caráter e a personalidade autêntica do indivíduo para que ele deixe de ser um ser psico-vegetativo-sensorial para tornar-se efetivamente singularidade.

Neste sentido pretende-se pensar a educação a partir da singularidade e como se constrói esta singularidade no interior das contradições; num segundo momento como esta singularidade assume a si mesma como uma tarefa ética e no terceiro momento, refletir sobre a educação da subjetividade no processo histórico e refletir sobre a possibilidade de uma educação ética no interior da globalização e fragmentação em que estamos inseridos.

Educação da subjetividade e crise existencial



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Em uma época em que as relações humanas são permeadas de contrassensos e de negligenciamento da própria condição humana e que a educação enquanto fenômeno social insere-se nessa gama de contradições é necessário e urgente problematizar a educação enquanto reprodução das estruturas de dominação e a educação em sua verdadeira vocação que é contribuir para a construção do caráter de cada singularidade, compreendendo o ser humano como um ser social, mas que se edifica ou não enquanto unicidade.

A educação contemporânea está fundamentada em valores que exaltam a trivialidade e a barbárie através da instrumentalização dos seus conteúdos e da preparação para o mercado de trabalho, desconsiderando o compromisso com o caráter, com a personalidade de cada indivíduo. O resultado é estrangular o advento da força crítica e congelar os discentes e docentes em uma gélida ignorância com a pretensão de massificá-los em um processo de adequação, conformismo e subserviência, adestrando suas consciências com o intuito de conduzi-las a um ideal do futuro de um oportunismo profissional. Logo, a educação quando forjada sobre esses princípios extirpa de si mesma propósitos libertadores, condenando o pensamento a buscar seu refúgio no subterrâneo pernicioso do emudecimento das consciências onde fenece a liberdade em prol de um ideal reacionário. Ideal este que atende aos critérios previstos pelo estado e ditados previamente pelas diretrizes mercadológicas; em última instância, coroando a educação como um celeiro de glorificação ao eruditismo e a uma cultura utilitária.

Segundo Almeida (2007), Kierkegaard caracteriza a ordem estabelecida como uma força que impulsiona os indivíduos a um consumo exacerbado que prioriza a passividade e a farsa, a mediocridade e o individualismo extremo. É precisamente esta lógica em vigor que imbeceliza as consciências, que as degeneram e as tornam meras expectadoras da realidade, que as aprisionam nos

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

grilhões da indústria cultural, nos poderes políticos admitidos e nos meios de comunicação que visa explicar e comunicar tudo, contudo, apenas culmina “na tagarelice e na conversa fiada”. É esta condição aviltante dos dias atuais, que se constroem através da fragmentação das relações humanas onde a autenticidade de cada indivíduo é extinta. Ora, uma época como esta que beneficia a moda, o lucro e o espetáculo representa a franca decadência do homem e o vazio existencial.

Daí se segue a denúncia de Kierkegaard contra uma sociedade que se traduz em um baile de máscaras e que se disfarça em uma aparência de festividade contínua. No interior deste panorama existencial o homem encontra-se totalmente privado de si mesmo, uma vez que ele não cultiva a produção de sua própria existência. Dessa forma, o ocaso da vida se revela como uma enfermidade, que tem por sua grande causa o apego à ilusão. Esta ilusão sustenta a subserviência voluntária que resulta na despersonalização dos indivíduos, na perda do caráter e na ausência de responsabilidade para consigo mesmo. É justamente na anulação de si mesmo que se extingue a possibilidade de comprometer-se com o dever ético de torna-se singular. É exatamente quando os homens dissolvem seu eu na multidão que eles tornam-se alheios a si mesmos, “porque em vez de um eu se torna um número, mais um ser humano, mais uma repetição de um eterno zero” (KIERKEGAARD, 2009, p.36). Tornar-se uma repetição de outrem é esvaziar-se por completo, é mutilar a sua própria existência, pois nesse sentido o indivíduo segundo kierkegaard vive:

A contemplar as multidões à sua volta, a encher-se com ocupações humanas, a tentar compreender os rumos do mundo, esse desesperado esquece-se de si mesmo, esquece seu nome divino, não ousa crer em si mesmo e acha demasiado ousado sê-lo e muito mais simples e seguro assemelhar-se aos outros, ser uma imitação servil, um número, confundido no rebanho. (KIERKEGAARD, 2009, p.37).

Diante desta condição de anulação de si mesmo, Kierkegaard compreende que uma existência não pode tornar-se singular quando há abstenção de comprometimento diante dela. Kierkegaard, portanto, entende que o eu que vive em constante retidão as ideologias dominantes, nas aparências e sedento por aplausos perde sua própria personalidade e padece no vazio, pois, “a infelicidade de um eu não está em nada ter feito neste mundo, mas em não ter tomado a consciência de si mesmo, em de não ter percebido que esse eu é o seu” (KIERKEGAARD 2009, p. 39). Em kierkegaard o verdadeiro esforço está em assumir com audácia sua existência, responsabilizando-se por uma educação da interioridade para eliminar a inautenticidade e tornar-se singular.

Educação, Subjetividade e Ética

A educação enquanto afirmação e aperfeiçoamento da interioridade encontra-se em um âmbito privilegiado da filosofia de kierkegaard. Para o pensador dinamarquês somente se concretiza autenticamente na existência quando há um empenho radical para exercitar a luta contra a ilusão de viver na penumbra de figuras alheias e na condição mórbida de ser apenas uma cópia:

A interioridade radical é capaz de superar o anonimato e a fragmentação tão incisiva na sociedade do espetáculo e da aldeia global. É essa a condição para a construção de autêntica individualidade, de personalidade autêntica e única. É no interior desse movimento que é possível analisar a presença da pedagogia kierkegaardiana. (ALMEIDA 2007, p.45)

Em Kierkegaard a educação se releva como uma ação e um dever de transformação que se afirma como uma tarefa ética. É o ato de educar-se que

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

singulariza o indivíduo e onde este se realiza no âmago de seu eu. Nas migalhas filosóficas o processo de educação se constrói na relação entre mestre e discípulo. O mestre para Kierkegaard “é apenas a ocasião para o aprendiz”. Partindo desta concepção o processo de educação não carrega uma prática de ensino hierárquica, pois o mestre não detém o poder de conceder aprendizagem ao aprendiz, se assim fosse, “então não está dando, mas tomando, então não é amigo do outro e muito mesmo seu mestre” (KIERKEGAARD, 1995, p. 29). Assim tanto o mestre quanto discípulo se releva como o ensejo para que ambos cada um em primeira pessoa se compreenda a si mesmo.

Paulo Freire (1981) discute a partir da necessidade da conscientização dos indivíduos enquanto forma de construção de sua autenticidade no meio em que vivem como possibilidade de rejeição a um mundo “feito” para enquadrá-los a um conjunto de normas e regras que visam à domesticação dos homens e mulheres desta sociedade, conceito similar encontramos desenvolvida na primeira parte da obra *A Doença para a Morte* do filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard discutindo com Hegel pondera que o ato de existir enquanto ser da singularidade consiste em negar a condição de número, de rebanho ou de multidão preconizado pela sociedade.

Nesse contexto Kierkegaard e Paulo Freire defendem a edificação de uma educação que permita ao indivíduo construir-se enquanto pessoa singular e capaz de engajar-se completamente nas questões relativas à existência autêntica sua e a do próximo, porque a compreensão é que não existe o si mesmo desvinculado da relação com o imediatamente tu e com a comunidade porque o homem é ao mesmo tempo como disserta na obra *O Conceito de Angústia*: “o homem é indivíduo e, como tal, ao mesmo tempo ele mesmo e todo o gênero humano, de maneira que a humanidade participa toda inteira do indivíduo e o indivíduo participa todo do gênero humano” (KIERKEGAARD, 2010, p. 30).

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A perfeição do homem não está no isolamento, na misantropia, no individualismo, mas no engajamento total nos dramas e nas misérias da existência humana, por isso sua perfeição consiste em participar completamente da totalidade. Mas como construir consciência da necessidade do engajamento e do compromisso com o próximo em uma educação que está comprometida com conteúdos, currículos e mercado de trabalho e não com a qualidade do educando que ela está formando? Como construir personalidades éticas nos educandos se os exemplos dos profissionais da educação não saem dos discursos e dos estereótipos dos artigos, livros e salas de aula?

Ao problematizarmos a questão educacional na sociedade em que vivemos, entendemos a necessidade de uma educação que deva constituir-se na possibilidade de construção da subjetividade enquanto singularidade dos discentes. Pretende-se pensar uma educação que possibilite superar a denuncia das estruturas desumanizantes existentes em nosso tempo histórico e envolver-se como protagonista no compromisso de construção de uma estrutura que humanize a singularidade do educando e do educador, reconhecendo a singularidade de cada pessoa.

Concordamos com Lima (2010) quando afirma em sua dissertação de mestrado Kierkegaard e a educação da subjetividade: ironia e edificação, que:

A educação deve superar o seu objetivo de enquadrar o indivíduo em uma forma de submissão aos interesses do sistema vigente em nossa época, e sim evidenciar a condição humana de ser livre exercendo a sua existência de forma autêntica e distanciada das formas, dos padrões morais e culturais de seu tempo histórico. (LIMA, 2010, p.65).

Em Kierkegaard a ética é por excelência uma ação educadora que tem por finalidade a concretização do comprometimento das pessoas com a transformação

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

da condição humana. Na obra *As Migalhas Filosóficas* o filósofo dinamarquês explica que o processo de educação se constrói na relação dialética da descontinuidade entre mestre e discípulo. O mestre para Kierkegaard “é apenas a ocasião para o aprendiz” e o aprendiz a ocasião para o mestre. A relação não é abstrata, pelo contrário, porque perpassa um Eu e um Tu em situação existencial em que cada um precisa optar em existir autenticamente ou inautenticamente, em viver no estágio estético do prazer imediato e descomprometido, utilizando os outros como objetos do próprio prazer; ou opta em ser apenas um cidadão comprometido com os deveres do estado, da religião, da lei e torna-se prisioneiro da legalidade; ou radicaliza sua existência e arrisca tudo na singularidade ética em assumir a responsabilidade em primeira pessoa pelo bem de si e, sobretudo pelo bem do outro. A tarefa é então problematizar o saber para que o discípulo possa apreendê-lo a partir de sua própria problematização; apreender aqui significa internalizar e agir de acordo com o que se produza uma coerência entre o saber e a ação.

Desta forma a educação deve ter como móvel transformar a possibilidade de existir dos alunos em existência autêntica, ultrapassando o conceito de educação como formação, ou seja, adequação dos educandos a um conjunto de formas pré-estabelecidas.

Uma educação que procura desenvolver a tomada de consciência e a atitude crítica, graças à qual o homem escolhe e decide, liberta-o em lugar de submetê-lo, de domesticá-lo, de adaptá-lo, como faz com muita frequência a educação em vigor num grande número de países do mundo, educação que tende a ajustar o indivíduo à sociedade, em lugar de promovê-lo em sua própria linha. (FREIRE, 1979, p.39).

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Segundo Freire (1981) quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores, denunciadores e construtores, nos tornamos responsáveis pela colaboração direta da sociedade na qual existimos, efetivando a possibilidade kierkegaardiana de transformar as estruturas sociais a partir da própria transformação dos indivíduos em si mesmos. O que isto quer dizer? Transformar-se a si mesmo é internalizar a ética de modo que assumindo a tarefa ética de comprometer-se em cada ação até as entranhas de seu ser, de voltar-se para si próprio que ele concretiza a possibilidade de torna-se livre, mas tornar-se livre é tornar-se responsável pelo outro. Kierkegaard opera uma inversão da liberdade, ela nasce da responsabilidade e sem ser responsável não é possível ser livre, mas apenas agir com o livre arbítrio como um simples animal. É nesta responsabilidade que a liberdade se revela e onde ela só existe enquanto possibilidade “à medida que ele a produz na ação” (KIERKEGAARD 1995, p. 146). Se não houver altivez e ação contundente na realização de afirmar-se na tarefa de tornar-se singular o indivíduo permanecerá em uma perpétua subordinação a ordem estabelecida. Assim para transformar a existência é necessária uma compreensão de que singularidade, interioridade e ética são indissociáveis.

Em Kierkegaard a ação de singularizar-se exige uma edificação. Aqui reside por excelência a tarefa da educação na perspectiva da subjetividade enquanto singularidade. O que há de mais característico numa edificação é o fundamento, isto é a base que sustenta a construção. E qual é a base? A ética. Acima de qualquer outra forma de conhecimento ou saber, a educação deve comprometer-se em tornar o educando e o educador éticos, pois somente no interior da ética é possível superar a dialética do senhor e do escravo. Contudo, nem toda construção é edificante. Uma construção desprovida de alicerce profundo e firme, não é uma edificação, mas sim uma grande possibilidade de ruína. Erguer uma construção não é sinônimo de edificá-la. A grande questão na edificação é o seu fundamento.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

“Edificar, portanto é construir partindo dos fundamentos. Na sua significação imediata, “edificação” é a construção erguida a partir de uma base, de uma fundação” (PINZETA 2005, p.).

Uma educação para a subjetividade enquanto singularidade deve considerar os homens e mulheres como seres enquanto possibilidades, como pessoas inacabadas em um mundo da mesma forma inacabado, assim os educadores, professores ou mestres tendo tal consciência não se ungiram com o poder do conhecimento, nem tão pouco entenderam os outros como refratários vazios a espera apenas de alguém que os encha, entendendo-se enquanto mestres e discípulo como ocasião para a construção do conhecimento.

Educação da subjetividade no processo histórico

A subjetividade tem uma evolução histórica, perpassa pela subjetividade ontológica que não é capaz de compreender o movimento da singularidade e mantém o intervalo entre o sujeito e o objeto, o pensamento do ser. Nessa concepção a educação mantém a mesma estrutura dicotômica entre sujeito e objeto, mesmo na moderna concepção construtivista ainda não se atinge a subjetividade como singularidade comprometida, mas com o sujeito capaz de administrar individualmente suas competências. A subjetividade ética não está comprometida com eficácia e eficiência, mas com dignidade, com justiça social com a produção do conhecimento capaz de gerar bem comum, que se traduz em sustentabilidade, em divisão dos bens de forma justa e equitativa, da superação da corrupção e do levar vantagem em tudo, das mentiras transvestidas em verdades oficiais dentro e fora das academias de produção de saber.

A Subjetividade econômica, enquanto singularidade localizada no mundo e no relacionamento com o fazer as coisas do mundo, encontra o seu sentido na

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

realização do trabalho e não mais fora dele. O trabalho, segundo Marx, possui uma tríplice qualidade: de me revelar para mim mesmo, de revelar minha sociabilidade e de transformar o mundo. E finalmente a subjetividade ética da segunda ética, que assume, na relação concreta com o imediatamente mais próximo, a condição que permite tornar-se um si mesmo. Essa compreensão de subjetividade tem um percurso que vai da abnegação ao sacrifício radical, do compromisso à substituição.

É fundamental precisar que a subjetividade, em Kierkegaard, é identificada como verdade, interioridade, decisão, ética, paixão infinita e amor²¹. Em síntese: “a interioridade é manter a ética em si mesmo” (KIERKEGAARD, 1993, p. 540). É este o locus de onde analisamos e compreendemos a subjetividade ética e educativa, para evitar complicações. Kierkegaard discorda da interpretação da subjetividade na forma imanente do “eu pensante” de Descartes, ou do “eu inteligível” de Kant. Essa concepção reduziu a subjetividade ao pensamento abstrato e desencarnado, com todas as consequências para os sistemas filosóficos posteriores. A presente citação distingue e me permite encaminhar a investigação dentro dessa delimitação temática.

O pensamento objetivo não tem nenhuma relação com a subjetividade existente, e enquanto subsiste o difícil problema de saber como o sujeito existente, se insere nessa objetividade, onde a subjetividade é a pura subjetividade abstrata (o que é ainda uma determinação objetiva e não determina algum homem existente). Agora se torna claro que a subjetividade desaparece e ao fim, supondo que fosse possível para um homem se tornar uma coisa símile e não se tratasse de um jogo de imaginação, que reduz ao puro ser, a pura e abstrata consciência e ao saber dessa relação pura, entre ser e o pensamento. Esta identidade é uma tautologia,

²¹“Se a subjetividade é a verdade, e a subjetividade é a subjetividade existente... a subjetividade culmina na paixão” (KIERKEGAARD, 1993, p. 383); “então se a subjetividade, a interioridade é a verdade” (KIERKEGAARD, 1993, p. 370); “a paixão do infinito é precisamente a subjetividade e assim a subjetividade é a verdade” (KIERKEGAARD, 1993, p. 368); “a paixão é precisamente o vértice da subjetividade” (KIERKEGAARD, 1993, p. 366).

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

porque com o ser não se afirma que aquele que pensa é, mas propriamente que ele é pensante. (KIERKEGAARD, 1993, p. 325).

Consideramos satisfatória a distinção da subjetividade efetuada por Kierkegaard para que, no desdobramento do texto, o leitor possa se situar quanto à especificidade dessa categoria na obra do autor dinamarquês. Na objetividade e na universalidade do conceito, o Indivíduo Singular (den Enkelte) é dissolvido, é despersonalizado de sua estrutura íntima, isto é, não existe uma responsabilidade pessoal que assuma a tarefa de ser o portador do sentido e a concretização da assimetria ética²², o que é o mesmo que afirmar que não existe uma existência autêntica. Nesse sentido, a uma Filosofia do conceito, Kierkegaard propõe uma Filosofia da situação-tensionada (KIERKEGAARD, 1983, p. 566). A uma Filosofia da objetividade pura e da redução da diferença e da identidade do mesmo, ele propõe uma Filosofia da subjetividade responsável. Qual seria o estatuto dessa responsabilidade capaz de assumir a si mesmo como alteridade do primeiro Tu como condição de conquistar e concretizar a si mesmo como é desenvolvido na primeira série de **As Obras do amor**?

Como entender que o fundamento do si mesmo não se encontra em seu interior, mas na abertura e na generosidade do existir para o próximo, que denominamos subjetividade ética, enquanto ação capaz de compreender que “o eu nada tem a significar se ele não se torna o tu”? (KIERKEGAARD, 2005, p. 113). Como construir uma prática pedagógica em que o alicerce seja a ética nesta perspectiva? A alteridade é, então, uma obra de amor. É sinônimo de relação e, ao

²²Um leitor de Lévinas, acostumado apenas com as lentes de Heidegger e Husserl, certamente diria que Kierkegaard se apropriou da categoria fundamental da ética levinasiana: a assimetria. Diria que foi exatamente o contrário. Para provar esta tese, conferir **As Obras do Amor**. A citação é longa, mas vale pelo conteúdo e pela seriedade: “A interioridade exigida é aqui a abnegação ou renúncia de si, que não se define mais proximamente em relação com a noção do amor da pessoa amada (do objeto), mas sim em relação com auxiliar a pessoa amada a amar a Deus. Daí segue que a relação de amor, enquanto tal, pode constituir-se no sacrifício que é exigido. A interioridade do amor deve estar disposta ao sacrifício, e mais: sem exigir nenhuma recompensa” (KIERKEGAARD, 2005, p. 156).

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

mesmo tempo, se constitui em condição da ética da alteridade, porque, ao estabelecer o compromisso de construir autenticamente a existência, esta só se concretiza a partir da relação que se reduplica a partir de si mesmo. A alteridade promove a igualdade na diferença, sem esta força vital o eu não existe, porque a alteridade institui a “responsabilidade da dialética da alma” (KIERKEGAARD, 2001, p.321) que, por sua vez, é a garantia de uma consciência comprometida e não uma consciência meramente especulativa: “eu tenho sobre a consciência uma vida humana e uma responsabilidade eterna” (KIERKEGAARD, 1951, p. 338).

CONCLUSÕES

Uma educação para a subjetividade enquanto singularidade deve considerar os homens e mulheres como seres potencialmente capazes de cultivar na sua interioridade o dever de tornar-se autor de sua existência assumindo sua incondicional responsabilidade por si própria e pelo meio no qual está inserido. É precisamente nesta possibilidade que ele compreende que a educação só é capaz de tornar-se edificante quando o indivíduo no âmago de si mesmo compreende que é a transformação é o fim último da existência.

E aqueles que se propõem a serem educadores devem se precaveram diante da sedução das ideologias fechadas, porque educar não consiste em uma ação determinada e conclusa, mas em realimentar-se do benefício da dúvida e do ensejo de partilhar com os educando a possibilidade de problematizar a realidade, destituindo, portanto, a educação da possibilidade de formar o indivíduo, ou seja, enquadrá-lo a uma determinada forma, mas permitindo a pessoa a liberdade de transformar-se a si mesmo.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- KIERKEGAARD, Soren. **O Conceito de Angústia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- _____. **Migalhas Filosóficas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- _____. **Opere**. Milano: Rusconi, 1983.
- _____. **Obras do Amor**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- _____. **O desespero humano**. São Paulo. Martin Claret. 2009
- LIMA, Fransmar Barreira Costa. **Kierkegaard e a educação da subjetividade: ironia e edificação**. São Paulo. Dissertação de mestrado apresentada a Universidade Presbiteriana Mackensie. 2010.